

**PERSONAGENS NORDESTINAS EM *INFERNO VERDE*, DE ALBERTO RANGEL**

***NORTHEASTERN CHARACTERS IN INFERNO VERDE, BY ALBERTO RANGEL***

Andressa Marzani<sup>1</sup>  
Gustavo Krieger Vazquez<sup>2</sup>

**RESUMO**

Em *Inferno verde*, de Alberto Rangel, há personagens que representam situações da migração nordestina que levou milhares de pessoas ao Amazonas, em busca de trabalho e de melhores condições de vida. A partir da análise dos contos presentes, veremos como Rangel tratou da multiplicidade desses homens e mulheres, seus variados destinos e problemas, e como eles alteraram a vida social da região. Proporemos algumas questões sobre os discursos presentes na obra, a forma como os indígenas foram retratados e alguns aspectos da ideologia do autor.

**Palavras-chave:** Regionalismo, Amazonas, Alberto Rangel, Migração nordestina.

**ABSTRACT**

*Inferno verde* (*Green hell*), by Alberto Rangel, tells about the migration of northeastern Brazilians; thousands of men and women who travelled to the Amazon in search of work and a better life. From those short stories we will see how Rangel dealt with the multiplicity of men and woman from the northeastern states of Brazil, their destinies and problems, and how they altered the region. We will also consider how speeches are present in the work, the way the natives were portrayed, and some aspects of the author's ideology.

**Keywords:** Regionalism, Amazonas, Alberto Rangel, Migration.

**Introdução**

Ao longo de nossa história literária, diferentes percepções foram produzidas sobre os habitantes das regiões remotas do país, que podem ser observadas por meio de subsequentes gerações de escritores regionalistas. Em uma fase inicial, encontramos os românticos, como Alencar, Taunay e Távora, e personagens heroicas mesmo quando

---

<sup>1</sup>Bacharel e licenciada em História, mestre em História Cultural e doutoranda em Literatura (Universidade Federal do Paraná - Curitiba). E-mail: [andressamarzani@gmail.com](mailto:andressamarzani@gmail.com)

<sup>2</sup>Bacharel em Filosofia, mestre e doutorando em Literatura (Universidade Federal do Paraná - Curitiba). E-mail: [kriegervazquez@hotmail.com](mailto:kriegervazquez@hotmail.com)

levando uma vida de crimes (como é o caso de Cabeleira). Posteriormente, nas décadas de 1880 e 1890, surgiu uma geração de contistas — Valdomiro Silveira, Coelho Neto, Virgílio Várzea —, que buscavam ficcionalizar a vida dos lavradores do sertão, descrevendo seus casos amorosos e suas dificuldades com a vida no campo.

A partir do século XX, principalmente após *Os sertões*, de Euclides da Cunha, uma visão menos pitoresca e mais ativa passou a influenciar os autores de então: o sertanejo, mesmo com seus defeitos, possuía características que o permitiria fazer parte dos agentes capazes de trazer o progresso ao país. Na obra *Inferno verde* (1908), de Alberto Rangel, amigo e seguidor de Euclides,<sup>3</sup> podemos isolar, entre uma gama de tipos, certas personagens com as quais o autor buscou mostrar as vicissitudes de nordestinos que, entre o fim do século XIX e início do XX, se deslocaram ao Amazonas. Mais do que tratar dos nordestinos que trabalharam nos seringais, mas incluindo, em *Inferno verde* há variadas posições sociais e formas de ganho alcançadas por eles, além de suas diferenças perante os nativos. Antes de analisarmos contos de Alberto Rangel para compreendermos as representações feitas pelo autor, contextualizemos um aspecto da questão a partir de uma breve visão histórica da migração de homens e mulheres nordestinos ao Amazonas.

### **Nordestinos no Amazonas**

Uma corrente de pensamento compartilhada por estudiosos é a de que, de todos aqueles que migraram ao Norte do Brasil, seja a partir de esforços públicos ou particulares, nenhum se adaptou tão bem e exerceu tanta influência quanto o povo nordestino. O chamado desenvolvimento e progresso da região — muitas vezes em detrimento da natureza e de culturas locais — foi visto por alguns como possível somente graças a esses imigrantes, alterando a estrutura primariamente calcada em nativos e seus descendentes. Em 1955, o intelectual nortista Djalma Batista afirmava:

Só mesmo o surto da borracha, atraindo massas humanas para o deserto da Hileia Brasileira, permitiu, sob bases econômicas

---

<sup>3</sup> Como aponta Francisco Foot Hardman (2009, p. 41), "[...] para além da sólida amizade entre os dois escritores, Euclides via em Rangel seu mais brilhante discípulo, atributo, aliás, que perseguirá o autor [...] pelo resto da vida e determinando, inclusive, os rumos da recepção de sua obra.". Euclides da Cunha elaborou, inclusive, o prefácio de *Inferno verde*.

favoráveis, a criação de uma sociedade em que a cultura, na sua extensa gama de valores, pôde tomar corpo [...]  
Os sertanejos trouxeram o arrojo e a ambição que propiciaram a riqueza. (BATISTA, 2003, p. 69, 71).

Duas décadas depois, Samuel Benchimol (1977, p. 144) expressou opiniões similares: “Quem quiser compreender a história da Amazônia da metade do século passado para cá, forçosamente terá de entender e estudar profundamente o ‘cearense’ imigrante”. Mais próxima temporalmente à ficção que iremos estudar, temos textos de Euclides da Cunha que compartilham tais ideias. Tratando sobre a ação humana na região ao longo do rio Purus, da bacia Amazônica, o autor de *Os sertões* afirma que:

As gentes que a povoam talham-se-lhe pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. (CUNHA, 1909, p. 57).

Lá persistem apenas os fortes. E sobrepujando-os pelo número, pelo melhor equilíbrio orgânico de uma aclimação mais pronta, pela robustez e pelo garbo no enfrentarem perigos, os admiráveis caboclos cearenses que revelaram a Amazônia. (CUNHA, 2000, p. 310–311).

Percebe-se um juízo de valor a favor do imigrante. O indígena, que viveu na Amazônia por milênios, parece não ter “amansado” esse tal deserto; foram outros os que “revelaram” a região. Alberto Rangel, em *Inferno verde*, compartilha tais ideias. Embora tenha ocasional simpatia pelos nativos, que elogia pela resiliência, sua posição a favor do desenvolvimento mostra-se nas personagens imigrantes que criou e, inclusive, em José Cordulo, protagonista de “Terra caída”, um caboclo muito elogiado por ser trabalhador como os imigrantes (inclusive casando-se com uma). Rangel não apenas era filho de sua época, mas parte importante do grupo intelectual que compreendeu de certa forma e propagou certa visão da influência migratória no Norte do Brasil, que perdura em estudos do século XX. Embora as particularidades das influências culturais e econômicas, positivas ou negativas que essas migrações acarretaram ao longo dos anos sejam temas que fogem ao nosso escopo, a quantidade e a longevidade da permanência nordestina certamente moldaram a região amazônica.

O deslocamento de nordestinos ao Amazonas iniciou graças a dois eventos concomitantes: uma forte seca no Nordeste e um *boom* de exploração da borracha:

A partir da década de 1870, expulsos pela grande seca e atraídos pelas possibilidades vislumbradas com a borracha, cerca de 130 mil cearenses chegaram ao Amazonas. Nas áreas de produção de borracha, trabalhavam como seringueiros, os homens que extraíam o látex e o entregavam a um determinado patrão, o dono do seringal ou o seu preposto. (DAOU, 2000, p. 62).

O problema da seca na década de 1870 não foi único; podemos também adicionar a seca total de 1900 e a parcial de 1898 (SANTOS, 1980, p. 110).

O Amazonas como destino escolhido de homens e mulheres nordestinos, ao invés de estados do sul, envolve alguns fatores políticos, incluindo o desejo dos poderosos de várias regiões. Sobre a busca pela substituição do trabalho escravo nos cafezais paulistas, Lúcio Kowarick (2019, p. 82–83) afirma que “havia ferrenha oposição por parte das oligarquias locais [...], pois tal transferência representaria não só perda do poder político, como também traria problemas para abastecer os seringais do Norte”. Soma-se a isso o fato de os latifundiários do sul terem preferência por estrangeiros — e preconceito em relação aos nordestinos (SANTOS, 1980, p. 107; KOWARICK, 2019, cap. 4).

A diversidade de posições sociais alcançadas por esses imigrantes está presente nos contos de *Inferno verde*, havendo sucessos e fracassos dos mais variados. Sendo o conto “Um conceito do Catolé” um dos mais ricos, faremos uma análise dele. Posteriormente, o relacionaremos com descrições de personagens e eventos de outros contos, mostrando assim a diversidade dos tipos nordestinos que se deslocaram para o Amazonas durante a *Belle Époque*.

### **Análise de “Um conceito do Catolé”**

“Um conceito do Catolé” inicia *in media res*: na “casa da Administração”, o Administrador atende um homem que lá foi para selecionar um terreno para si em uma colônia que está sendo fundada pelo governo. O Administrador é um homem antipático, que xinga diretamente o matuto, e não lhe entrega a posse de certo terreno bem localizado, pois havia separado para seu filho, fato que ele admite abertamente. No meio

da burocracia, o Administrador reclama em voz alta: “o Governo enchendo a barriga destes diabos, que não servem para nada!...” (RANGEL, 2008, p. 48). Em uma descrição de ambiente, somos informados que, no lado de fora da construção, há um espaço onde “parecia ter havido uma horta e um jardim” (p. 47) e onde ainda sobrevivem mudas de couve e de bogaris (que são duas plantas não nativas do Brasil).

Temos de um lado um homem humilde, escolhendo um terreno para se fixar, e de outro um funcionário público rabugento. Esse retornará mais tarde; é sobre o outro que passamos a receber informações. Ele se chama João Catolé e vivia com mulher e filha no sertão nordestino, no Ceará (catolé é o pequeno fruto da *Syagrus cearensis*). Após a morte de sua esposa, decide vender o que possuía e ir a Manaus.

A morte da mulher não chega a ser explicada: ela retornava ao lar após buscar água; talvez essa estivesse contaminada — o narrador informa que a mulher vomitou sangue antes de morrer (RANGEL, 2008, p. 48). Todo o dinheiro que João consegue vendendo o que possuía — “uns garrotes e alqueires de farinha” — é gasto viajando a Manaus, aonde chega “sem um ceitel e com a pele sobre os ossos” (p. 48).

A descrição feita pelo narrador da capital ressalta as transformações causadas pelo progresso, a *Belle Époque* manauense:

Na margem risonha da cidade, de São Raimundo ao Educandos, a casaria moderna estende-se, de vidraçaria faiscante, entablamentos, platibandas e cumeeiras coroadas das torres da Matriz e dos Remédios e da cúpula do Teatro. À hematose do progresso, operara-se o prodígio da transformação das palhoças da antiga Vila da Barra do Rio Negro na metrópole amazonense de nossos dias. (RANGEL, 2008, p. 49).

Fazendo contraponto a isso, temos um exemplo de habitação do homem pobre livre. À beira do rio, há um barracão mal construído. Fundado sobre estacas, enquanto sua parte superior é uma serraria, a parte de baixo serve de abrigo para os imigrantes — pessoas vindas “a fim de buscar sustento, ou talvez, opulência na pátria encantada do caucho” (RANGEL, 2008, p. 49).

O narrador informa que o “pardieiro” sob a serraria, um “esconderijo imundo” (RANGEL, 2008, p. 49), é receptivo aos viajantes e é, além do mais, seguro, adicionando uma frase irônica: ali viveria uma “sociedade ideal, igualitária de condição e parece que disciplinada ao mesmo sonho de ganhar fortuna” (p. 50). Porém, ninguém

quer permanecer nessa posição, com muitos acreditando em “lobos de alcateia”, que fazem promessas “com brilho de miragem” (p. 50). O local é, enfim, um campo de exploração, com atravessadores e empregadores buscando pessoas desesperadas e que aceitam trabalhar em condições desumanas. Isso pode ser outra resposta de como essa sociedade é “ideal” — ela é ideal para quem a explora.<sup>4</sup>

João, uma vez no Amazonas, não aceita propostas para trabalhar na extração do caucho. A razão disso é sua filha, pois crê que, no meio dos seringais, seria perigoso para uma menina. Poderia ser sequestrada ou vendida; sendo assim, decide que o melhor é confiar no governo, que está abrindo uma colônia nas proximidades.

Antes de ir à Administração, João havia estudado a colônia, sabendo assim qual terreno escolher. Ficando com outra opção por causa do favoritismo do funcionário público, descobre que há uma casa feita ali, deixada pelo governo, embora estivesse em mau estado. No terreno há bastante água e algumas plantações ainda iniciais nos vizinhos — de “abacaxi, mandioca, cajueiros e canas, um ou outro arrozal” (RANGEL, 2008, p. 51). Os outros colonos, porém, de acordo com o narrador, não são bons agricultores e preferem caçar animais para vender na vila mais próxima, Flores (hoje, um bairro de elite em Manaus).

É narrado que a Administração fornece benfeitorias para a colônia: máquinas, medicamentos e pontes. Apesar disso, os habitantes reclamam do local, dizendo que a terra não é boa para plantar e que ali há formigas demais. João, por sua vez, está feliz. Onde vivia antes, sempre dependia de se estabelecer em uma terra ruim, ou trabalhar para outros. Aqui, era “senhor de um pedaço de vazante” (RANGEL, 2008, p. 51). Assim, prospera: faz sua roça e continua a atividade que exercia no Ceará, que era produzir farinha.

Após indicar que João estava há três anos na colônia, o conto passa a tratar das relações do homem com sua filha Malvina e os vizinhos. Malvina trabalhava muito — “não tinha um minuto de seu” (RANGEL, 2008, p. 52). Nesse momento, o narrador usa do discurso indireto para expressar duas opiniões do protagonista: para ele, a filha trabalhava tanto que “era um homem!”, além de ser “formosa” fazendo renda. Em suma, é uma jovem presa ao trabalho. Para o pai, a beleza da filha está nisso, e o sacrifício

---

<sup>4</sup> Limitações na visão de Rangel em relação às causas desses desníveis sociais foram consideradas por Marco Aurélio Coelho de Paiva (2011, p. 351–352).

dela é considerado por João como algo apenas positivo. Até o ato de tomá-la como “homem” ajuda o pai a fechar os olhos para o fato de que Malvina é uma mulher jovem. Ele já não havia ido aos seringais por medo de que sua filha fosse explorada — agora, em seu próprio canto reservado, tudo está, aparentemente, conforme gostaria.

Outras personagens são descritas. Há uma vizinha, Rosália, que perdeu o marido quando esse foi esmagado por uma árvore que cortara; e há Pedro Carapina. Assim como outros migrantes, a soma de seca e ambição o levou até ali. E também a inspiração em um primo que deixara seu lar para tentar a vida no Acre, servindo a Plácido de Castro, ajudando na anexação do Estado ao Brasil e voltando de lá rico. Pedro acaba não seguindo o caminho militar tomado pelo parente, trabalhando na montagem de uma bolandeira que estava sendo instalada na colônia pela Administração.

Malvina apaixona-se por Pedro e passa a esperar ansiosamente pelas suas visitas. É apenas com Rosália que a menina consegue conversar sobre isso. Pelo que sabemos de seu pai, compreendemos que é algo que ela esconderia. Retorna então à cena o Administrador, que pede para João que ceda a filha para trabalhos menores em sua casa. Ele aceita (é o homem quem decide e não a própria mulher que irá trabalhar), o que o narrador descreve indicando o conflito do protagonista entre o zelo paterno e o desejo pela ascensão social:

Repugnara ao pai carinhoso a separação. Mas, por fim consentira; seria um meio de aumentar os recursos tão escassos; e, mesmo seria de vantagem afazer-se a filha nos hábitos finos dos 'brancos'. Ela aprenderia alguma coisa, acolhida na 'casa-grande', com gente 'sabida da cidade'... (RANGEL, 2008, p. 54).

A máquina estatal, agora indiretamente, por meio de um funcionário, puxa o indivíduo alguns degraus acima na escada social. A ironia da “casa-grande”, onde se aprende “alguma coisa”, indica os limites de quem está, por assim dizer, na senzala ou perto disso.

Com o tempo, Pedro passou a procrastinar, levando horas para montar as peças da bolandeira, aproveitando seu tempo ali para admirar, apaixonadamente, Malvina, que continuava com seu trabalho incessante, agora na casa do Administrador. Temos em Pedro um primeiro rebelde da “máquina” do Estado. A sua atitude passiva na construção da bolandeira não perdura e ocorre uma desgraça: ele mata o “Ajudante da

Colônia”<sup>5</sup>, machuca outro empregado e foge com Malvina. Isto é, ambos se arrancam da estrutura “protetora e amiga” do Estado do Amazonas.

A vila entra em alvoroço, com João saindo ensandecido atrás da filha. Até soldados são enviados para buscar os fugitivos. Quem os encontra após alguns dias são os pássaros necrófagos, pois os corpos já estão em decomposição. Assim como foi com a mulher de João, não fica claro o que os matou — pode ser a “natureza” que fez isso, embora, pela descrição, pode ser até lido como um suicídio: “os cadáveres de Pedro e de Malvina deitados lado a lado, [...]. Um rifle no chão, em meio a esses restos imundos.” (RANGEL, 2008, p. 56). A vila, aos poucos, volta à normalidade; para João, porém, não há mais ânimo para plantar ou cuidar da casa. Tudo decai.

É o mês de junho. João está sentado ao sol quando vê um colono vindo de uma caçada. Este observa as ruínas do terreno do conhecido e exclama: “É o diabo esta terra... Não dá nada. Só caju e abacaxi. No nosso Ceará é outra coisa, tem-se legume... A questão é de inverno. Aqui não vale a pena...” (RANGEL, 2008, p. 57). Ao que João responde com o conceito mencionado no título: “Ora, a terra! A terra é boa, o homem só é que não presta” (p. 58). Sente enorme ternura pela filha, e ódio por Pedro. O narrador conclui afirmando que a História, quando julgar o Amazonas, bem que poderia “reter em epígrafe esse conceito sintético do infelizmente Catolé” (p. 58) — o que ressoa com a epígrafe escolhida para abrir o conto, o verso LVII do terceiro canto de *Don Juan*, de Byron, em que é descrito como a perda do grande amor do protagonista, sua filha, o afastou do convívio humano.

### **Seringueiros, roceiros, militares**

Os mecanismos econômicos são um dos pontos fortes de *Inferno verde*; podemos compreender mais sobre a estrutura reinante na época no Amazonas analisando outros contos do livro.

Como visto, João Catolé não tinha desejo de trabalhar nos seringais. A questão do caucho — e também de outras indústrias extrativistas — é descrita em outros contos. Em “Maibi”, o narrador explica sobre nordestinos que são trazidos por atravessadores para trabalharem na floresta:

---

<sup>5</sup> Não fica claro, no texto, quem seria esse Ajudante, que não aparece em outros momentos da narrativa — levando a interpretações de que Ajudante e Administrador seriam a mesma pessoa.



Com o carregamento desembarcara o pessoal, que o guarda-livros fora buscar ao Ceará. Umas vinte cabeças, gente do Crato e de Carateús. Os agenciados tinham sido, no porto de Camocim, cinquenta ao todo. Mas, uns haviam fugido no Pará, outros em Manaus e cinco haviam “dado o prego” com as febres.

“Oh! canalha safada!” tal a frase que o empregado entremeava, a cada passo, aludindo aos engajados [...]. (RANGEL, 2008, p. 125).

Notamos a ironia de Rangel: como se fossem gado, os trabalhadores são contados por “cabeça”; são chamados eufemisticamente de “agenciados” e “engajados”, embora as condições não sejam nada boas, causando fugas e, inclusive, mortes.

Porém, a indústria extrativista fornecia ao nordestino outros destinos além de ser explorado pela sua força braçal. Em “Um homem bom”, é descrito um atravessador que revende as castanhas coletadas pelos caboclos; há também o curioso caso do guaraná, sem envolvimento de nordestinos, mas de interesse de mato-grossenses, conforme o conto “Pirites” descreve:

Mercadores de Cuiabá vinham às caravanas, pelo sertão, na mais espantosa das odisséias, buscar a pasta nutritiva e excitante. [...]

Por que o cuiabano, de toda gens brasílica, foi o único a se apaixonar dessa substância? E como foi que o hábito dessa bebida se infiltrou tão longe do ponto que a produz? (RANGEL, 2008, p. 134).

Tendo recusado o caucho, Catolé busca a sorte em uma colônia estatal. Situação semelhante é apresentada no conto “Terra caída”. Embora o protagonista, José Cordulo, seja um caboclo, sua esposa é uma nordestina que, assim como João, chega ao Amazonas mal tendo a roupa do corpo. Porém, sua vinda, como a dos seringueiros de “Maibi”, também está atrelada a uma ocupação previamente definida — desta vez, tomar posse de um espaço de terra reservado por ação estatal. José Cordulo...

[...] se ajuntara com a Rosa, uma rio-grandense-do-norte, amarela e escanzelada, que o navio do Sul depusera com um bando miserável de imigrantes chegados para a Colônia. Ela viera com o pai, velho que mal se tinha nas pernas, mielítico e asmático, e que se satisfizera em ver o lote, que lhe fora distribuído pelo Diretor, comer uns dias da “boia” do Governo e ser afinal enterrado numa cova [...]. (RANGEL, 2008, p. 60).

A situação de penúria dos nordestinos que se viam obrigados a deixar suas terras natais fica exemplificada pelo estado do pai de Rosa, que, deduzimos, se satisfaz podendo morrer estando seguro do futuro que aguarda sua filha. O que está ficcionalizado é um governo explorando um território desconhecido e fundando colônias agrícolas, nas quais investe na tecnologia desejando atrair trabalhadores e investidores, aprimorando o cultivo de forma a enriquecer sua economia. Rangel apresenta uma descrição concisa (e positiva) da situação em “Hospitalidade”, outro conto de *Inferno verde*. Durante uma viagem pelo rio, o narrador-personagem faz a seguinte descrição:

Contudo, a sucessão de moradias, fazendas ou pequenos sítios, acotovelando-se em toda a margem, marcos extremos na frente comuns, daria um desmentido à ignorância do país, embaído pela falsa visão de um Amazonas inculto e inabitável. Nessa zona não há seringais. Portanto, nem só a borracha ocupa, atrai e fixa o capital e o braço no Amazonas. A lavoura e a criação pastoril, as “duas tetas do Estado”, [...] apojam-se no seio desses barrancos. (RANGEL, 2008, p. 71–72).

Na obra do autor, há um Amazonas rural que está progredindo economicamente, buscando deixar técnicas arcaicas para trás para não depender de apenas um produto. Podemos compreender melhor esse progresso se compararmos *Inferno verde*, que foi publicado em 1908, com artigos escritos por José Veríssimo em 1892, para o *Jornal do Brasil*, e reunidos no mesmo ano no livro *A Amazônia (aspectos econômicos)*. Na época, a região (também considerando, além do Amazonas, o Pará) dependia majoritariamente do extrativismo, com a borracha predominante no mercado. Certas culturas haviam sido tentadas e fracassaram, enquanto outras ainda perduravam, embora em pequena escala e prestes a desaparecer (arroz, anil, café, tabaco, cana de açúcar — algumas dessas estão na lista de plantações incipientes feitas na colônia de “Um conceito do Catolé”) (VERÍSSIMO, 1892, p. 47, 59–60).

A razão por certas culturas serem incipientes ou inexistentes é a própria riqueza que a borracha trazia em vários níveis da cadeia comercial, levando assim a uma monocultura que, desde então, era vista como prejudicial:

O crescimento gradativo do volume e do valor da produção da seringa foi criticado por diferentes administradores e políticos do Pará e do Amazonas, pois roubava braços às atividades tradicionais. Em seus comentários se revela o desconforto promovido pela “febre” da seringa — que implicou a redução de outras atividades produtivas (por exemplo a agricultura, a criação, a pesca e o próprio extrativismo) e, igualmente, da comercialização de produtos por elas gerados, como peles e gorduras de animais, seivas e óleos vegetais, ervas medicinais, peixe seco, castanha-do-Pará e cacau. (DAOU, 2000, p. 20).

Os artigos de José Veríssimo buscavam, desde então, encontrar respostas para esses problemas, inclusive questionando que forma de colonização seria preciso para que a região se desenvolvesse. O autor incentiva a busca por modos de aprimorar as lavouras e, inclusive, o cultivo de gado (VERÍSSIMO, 1892, p. 64), o que Rangel indica haver anos depois, conforme o trecho de “Hospitalidade” citado anteriormente. Em dezesseis anos, o Estado foi capaz de retomar a variedade de cultivos, não dependendo apenas da borracha. Isso se tornaria fundamental quando, com os preços do produto diminuindo, visto a concorrência internacional, a produção de borracha encontraria seu primeiro grande declínio.

Nota-se que, nessa variedade de ocupações tomadas por nordestinos, apenas o estabelecimento de colônias agrícolas foi subsidiado pelo governo. A ficção de Rangel corrobora estudos posteriores. De acordo com Roberto Santos (1980, p. 106–107, grifos do autor):

Não há evidências de que a administração pública dos Estados da Amazônia se haja envolvido com promoções de emigração no Nordeste *para fins de exploração de borracha*; ao contrário, existem algumas indicações quase diretas de que a migração patrocinada oficialmente tinha claros objetivos agrícolas [...].

Do lado oposto, não havia interesse de particulares em levar os imigrantes a plantações, mas somente a seringais (BENCHIMOL, 1977, p. 176–178).

Uma terceira possibilidade de trabalho foi tomada pelo primo de Pedro Carapina: a vida militar. Outra personagem nordestina que se alistou para combater no Amazonas, e enriqueceu muito dessa forma, está presente no conto “Obstinação”:

O coronel Roberto, um paraibano, general tornara-se de simples soldado que começara sendo nessa expedição histórica — *Anabase*

moderna, — que invadia o Amazonas. Ganhara merecidamente os bordados, acrescentando à alma mais audácia, que a audácia da massa em que viera envolvido... (RANGEL, 2008, p. 106).

Com o tempo, o coronel se torna irascível, adquirindo terras — seja por bem ou por mal, usando tanto da força bruta quanto da política —, incluindo a do caboclo Gabriel, que acaba por se matar como demonstração de recusa.

Alberto Rangel, em outros contos de *Inferno verde*, apresenta casos de imigrantes nordestinos sem relação direta com o governo amazonense ou com particulares interessados no extrativismo — há aqueles que buscam oportunidades por si próprios. Cambito, de “Teima da vida”, é um desses. Ele é dono de terras próprias, situadas à beira de um rio, mas afastadas da comunidade, onde há um casarão e um engenho. O drama do conto é o fato dele ter uma filha com encefalite infantil que é cega, surda, muda e parálitica. Outro cearense independente, “estabelecido na costa do Burrinho, com uma engenhoca qualquer” (RANGEL, 2008, p. 137), é o antagonista do conto “Pirites”. Ao ouvir do caboclo Vicente sobre a existência de pedras preciosas em determinada região remota, o cearense mata o conhecido para se apoderar totalmente da riqueza; posteriormente, descobre que as pedras são as tais pirites, sem valor algum.

A possibilidade de certa mobilidade social está presente em *Inferno verde*, geralmente com a ajuda governamental (as colônias de “Um conceito do Catolé” e “Terra caída”; a vida militar) ou por meio de atos pouco lícitos. Na obra está presente uma estrutura que exalta o esforço, o enriquecimento, com o possível sucesso ou o usual fracasso e sofrimento das personagens fazendo parte do jogo. Essa estrutura chega a ser diretamente elogiada. No conto “Maibi”, há um trecho que trata dos seringais e que os compara com outras regiões do Brasil:

Um seringal, em fim das contas, não era a estância de gado, nem fazenda de café, nem engenho de cana. O que satisfazia na campanha do Rio Grande, no oeste de São Paulo, no interior de Pernambuco, não era suficiente no Madeira, no Purus, no Juruá. (RANGEL, 2008, p. 122).

O trecho faz parte de uma argumentação maior sobre as dívidas que os seringueiros precisam quitar com seus patrões por meio do trabalho, o que geraria a

situação supostamente única no Brasil de uma “escravidão branca”.<sup>6</sup> A argumentação do narrador de “Maibi” fica entre a crítica e a defesa daqueles que detêm o poder: embora afirme que “o regime da indústria seringueira tem sido abominável” (RANGEL, 2008, p. 122), há, ao mesmo tempo, uma apologia à ação dos donos das terras: “não era o exercício de simples crueldade; mas o resultado dos interesses do capital, que instituíram a sua própria defesa”. Para o narrador, “fora preciso organizar” tal sistema, visto que o restante do país não passava de “uma nação de malandrins”, que nunca sentiu necessidade de dar “ordem ao trabalho” (p. 122–123).

São afirmações certamente polêmicas, visto que a economia nacional da época não pode ser generalizada assim. Além disso, o homem pobre livre, que entra em dívidas para com a própria pessoa que paga o seu salário, era algo comum, principalmente na época do conto de Rangel (KOWARICK, 2019, p. 102).

De qualquer forma, mesmo em “Um conceito do Catolé”, ao explicar sobre os empenhos do protagonista na colônia estatal, o narrador defende quem detém o poder:

O [governo do] Amazonas, tão amaldiçoado país de seringa e de impaludismo, fazia-o proprietário; ao chegar o retirante cearense, dava-lhe solo, o mantimento, o teto, a assistência médica, a instrução... O monstro devorador de vidas ao pé das *heveas* era, na verdade, também protetor e amigo. (RANGEL, 2008, p. 52).

Há uma ideologia de classe presente em *Inferno verde* e devemos, seguindo Ángel Rama (2008, p. 122), “determinar em que medida [um] texto reinterpreta a demanda do grupo social” pelo qual e ao qual ele foi escrito.

### **Imigrantes e nativos**

A presença do nordestino no Amazonas ultrapassou a busca pela extração de produtos naturais e, mesmo nesse caso, foi mais do que mera exploração; no todo, ela proporcionou avanços tecnológicos e conflitos que atingiram os nativos. Em *Inferno verde*, além da posição do nordestino e seus problemas, temos como a presença desse povo perturbou a ordem social nativa – embora não seja tema dominante, é algo

---

<sup>6</sup> Euclides da Cunha (1909, p. 68–71) faz semelhante exaltação ao sofrimento do seringueiro amazônico em *A margem da história*, — “é o homem que trabalha para escravizar-se”, afirma —, inclusive banalizando as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes europeus nas plantações de café.

ocasionalmente tratado. No primeiro conto da obra, “O Tapará”, o narrador informa a opinião de um nativo em relação ao imigrante nordestino:

A onda imigratória, esses “cearenses”, como ele se exprime, abraçando-a num termo genérico, em vago ressaibo de desprezo e despeito, chofraria em praga, invadindo a floresta... Extinguiria até a caça e o peixe, assenhorando-se, ambiciosa e sem escrúpulos, da terra que o viu nascer; gente vinda ontem e feliz da vitória que o antigo nativo ainda aspira e não consegue! (RANGEL, 2008, p. 44).

O nativo como sendo espécie de salvaguarda ao avanço impetuoso da exploração é considerado em seguida:

Mal sabe o caboclo e, na avidez da sociedade nova acampada no Amazonas, ele, com o seu caráter reservado, onde paira certa tristeza de exilado na própria pátria, é um moderador feliz e inabalável. Quando ali se acomete com desbrío e cobiça na batalha da vida, a resistência do elemento tapuio ou mameluco, pescador, em fim de contas não será um freio à desordem seringueira, mas limita o conflito; conflito natural no jogo tremendo de ambições forasteiras, que, com o machadinho, as tigelinhas, o baldo e o “boião” revolveram a terra, sacudindo-a para a eletricidade e para o vapor, e para os males das sociedades, que hoje se chamam fortes. (RANGEL, 2008, p. 44–45).

Ao longo da carreira de Alberto Rangel, o nordestino como sinônimo de progresso está presente, assim como uma visão depreciadora do indígena: “Um tem resignações muçulmanas, outro alerta, quão desperdiçado, conta sempre com o seu esforço delirante para vencer o destino” (RANGEL, 1934, p. 162) diz, respectivamente, sobre nativos e nordestinos, em seu estudo “Aspectos gerais do Brasil”, opinião que também é resumida na introdução ao seu outro livro de contos, *Sombras n'água* (1913): “O 'cearense' amontoa as peles da borracha; o caboclo sesteia...” (RANGEL, 1913, p. 21). Mesmo em *Inferno verde*, no conto “A decana dos muras”, o narrador-personagem se depara com a moradia de uma velha mulher indígena e questiona, admirado:

Qual o animal desta toca lastimável, nessa paragem? Que “cearense” seria assim disposto para se refugiar nesse centro, vegetando esquecido, no canto nemoral de desamparo e miséria? Só algum desertor ou índio [...]. (RANGEL, 2008, p. 85).

Em um único parágrafo, um ser humano sequer visto é igualado aos animais e às plantas. Se isso soa tendencioso e discriminador, foi a maneira enviesada a partir da qual um homem letrado foi capaz de entender a realidade vigente, vendo de forma plenamente positiva o afastamento do que era tratado como “selvagem”, algo buscado durante a *Belle Époque* e que perdurou ao longo das décadas. Visão similar pode ser encontrada em Euclides da Cunha (1909, p. 80), para quem, por mais cruel que seja a perseguição a diferentes etnias indígenas da região (“sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos”), tal fato não deixa de ser uma “missão histórica”, cumprida por grupos como os caucheiros.

Como aponta Antonio Candido, a literatura da época buscava enxergar de maneira otimista o futuro do país, vendo a natureza e o progresso como estando ligados; em Rangel, a visão “eufórica” (CANDIDO, 2017, p. 170–171) é proporcionada pelos migrantes que suplantariam os nativos. De certa forma, a distinção entre o “civilizado” — do qual o nordestino faz parte — e o nativo “atrasado” é o que se encontra nos trechos anteriormente citados de Djalma Batista e Samuel Benchimol quando o imigrante é elogiado. Não forçando a nota, mas ideias similares eram comuns até mesmo em pensadores que se situavam em outro espectro político daquele de que provinham os escritores mencionados acima. Tomemos um trecho de *História e desenvolvimento*, de Caio Prado Jr., da década de 1970 (que, inclusive, ignora a importância da migração nordestina para o Amazonas):

[...] além da resistência que ofereceu ao trabalho escravo, o índio se mostrou muito mau trabalhador, de pouca resistência física e de eficiência mínima. Nunca teria sido capaz de dar conta de uma tarefa colonizadora levada em grande escala. Está aí o exemplo da Amazônia [...] o índio brasileiro, saindo de uma civilização muito primitiva, não se podia adaptar com a necessária rapidez ao sistema e aos padrões de uma cultura tão superior à sua como era aquela que lhe traziam os europeus. (PRADO Jr., 1978, p. 42).

Em suma, é ideia de largo alcance a de que o destino de certos povos é o progresso; do outro lado, há a passividade e a decadência. As palavras de Euclides da Cunha dão ideia do espírito da época: “Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos.” (CUNHA, 2013, p. 72).

*Mutatis mutandis*, o protagonista de “Terra caída”, exceção que confirma a regra, causa espanto nos nordestinos: “O José Cordulo granjeara fama de trabalhador infatigável. 'Caboclo onça!' qualificavam-no os 'cearenses' das cercanias, admirando a extensão dos roçados do caboclo lavrador” (RANGEL, 2008, p. 60) — e, inclusive, forma família com uma nordestina. Mas Alberto Rangel fez mais do que um nativo convertido: a personagem representa um amálgama entre nativos e imigrantes. José é trabalhador como os nordestinos, ao mesmo tempo em que persiste em suas “resignações muçulmanas” — “a terra podia desaparecer, o caboclo ficava” (RANGEL, 2008, p. 67), diz o narrador, o que pode ser uma solução enxergada por Rangel para haver sobrevivência visto as inconstâncias locais. Ou, quem sabe, uma impossibilidade de que o nativo pudesse alterar completamente o que era tomado pelo narrador como sendo sua natureza.

Apesar dessas exceções, as relações entre nativos e imigrantes na obra mais famosa de Rangel são esparsas, mais de consciência recíproca do que de relações diretas. Como o autor escreveria em “Aspectos gerais do Brasil”, “o aventureiro passou pelo caboclo 'mariscador' quase sem o ver. Mesmo depois não lhe deu atenção [...]” (RANGEL, 1934, p. 162).

### **Fazendo o povo amazônico falar (ou calar)**

Antes de concluirmos, vale apontarmos certas limitações do autor em sua escrita. Pensando na questão narrativa presente na obra de Rangel, temos um mundo físico recebendo tanta luz que obscurece os indivíduos. Euclides da Cunha entendeu *Inferno verde* como obra feita por um homem que ousou contemplar a “esfinge” (a Amazônia), indeciso na “vertigem do deslumbramento” (CUNHA, 2008, p. 23). De fato, os narradores de Rangel estão sempre espantados com aquilo que descrevem, e precisam estar constantemente presentes de forma a dar conta da natureza que julgam exuberante, sob o custo do sacrifício do desenvolvimento das personagens. A natureza que essas buscam vencer e que pode dominá-las é tão grandiosa que raramente se expressam, sendo, na maior parte das vezes, constructos para que certas ideias do narrador possam ser apresentadas.

Curiosamente, um raro exemplo mais longo de discurso na obra de Rangel reforça pela oposição o que o espanto com a Floresta Amazônica pode causar em um



escritor. Em “Um homem bom”, há um cearense ajudando na limpeza de uma picada na floresta. Ele, então, conta sobre sua vida no Nordeste, criando um conto nordestino dentro do conto amazônico (o que, vindo pelo lado positivo, pode representar, literariamente, uma das maneiras de como a influência da cultura nordestina passou a integrar a cultura amazônica). Rangel, para caracterizar isso, utiliza um discurso direto com certos coloquialismos diversos do que utilizou no restante da obra, o que o próprio narrador indica explicitamente:

— Nem lhe conto, “seu” doutor. E continuou num solerte desabafo, passado na prosódia peculiar aos hábitos de linguagem de velho sertanejo. Isto deu-se no ano dos três oito. Eu morava no Granguê e vivia de plantar algodão, afora roça. Uma vez por outra ia ao Aracati ou à União, vender tabaco e courinhos. O “seu” coronel Távora, meu chefe, me queria muito; e, quando precisava de homem, mandava logo me chamar, e me entregava um clavinote boca-de-sino, que era arma chamada bicho arma! (RANGEL, 2008, p. 92–93).

É notável a diferença entre o discurso da personagem, em que há marcas dialetais e é carregado de emoção mesmo descrevendo situações cotidianas, e o discurso do narrador em norma culta, no qual a adjetivação impera. O mais curioso, porém, é que tal descrição não se refere ao Amazonas, mas a outra região do país. Rangel foi plenamente capaz de criar uma personagem para falar sobre o Nordeste a seu próprio modo, o que, em relação ao Norte, não conseguiu com ninguém além de seus narradores que parecem relatores do governo.<sup>7</sup>

Encontramos outro longo discurso direto no conto “Pirites”. Ele é feito por um “doutor”, um “moço ‘sabido’, sério” (RANGEL, 2007, p. 140), isto é, um homem culto. Outro que recebe espaço para seus discursos é o Administrador de “Um conceito do Catolé”, que também é “gente ‘sabida da cidade’” (p. 54). São duas personagens urbanas que estão entre as mais expressivas de todo esse livro regionalista.

No extremo oposto, o narrador de Rangel chega a apresentar, no final do conto “Inferno verde”, como uma suposição poética, a sua própria opinião por meio de um extenso discurso que estaria sendo feito pela “terra” (RANGEL, 2008, p. 162–164). A

---

<sup>7</sup> O que ele próprio foi: “Em 1904 [Rangel] transferiu-se para a Amazônia a fim de assumir os cargos de diretor de Terras e Colonização e de Secretário Geral do governo do Estado do Amazonas na gestão de Constantino Nery, um dos principais líderes das oligarquias locais.” (PAIVA, 2011, p. 341–342).

“terra” se expressa sobre “Justiça”, “fatalidades sociais”, usa palavras em francês e inglês, arcaísmos etc., igual a todos os narradores presentes no livro. Não é incomum na crítica literária, seja para justificar as descrições da Floresta Amazônica feitas por Rangel, em particular, seja na literatura, em geral, a defesa de uma ou outra obra com a justificativa de que certo local onde a trama é ambientada é “uma personagem em si mesma”. Isso pode até eventualmente funcionar em outras obras, mas *Inferno verde* está longe de ser uma prosopopeia. A Floresta Amazônica é o *locus* da obra, o que em si já é suficientemente significativo.

As verdadeiras personagens, porém, são marcantes pelos seus silêncios, com relações e sentimentos sendo descritos pelo narrador com palavras que, muitas vezes, seriam incompreensíveis para elas. Há aquelas que recebem um ou outro breve discurso direto, como José Cordulo, de “Terra caída”, ou um ocasional discurso indireto livre, como o indígena Gabriel, em “Obstinação”. De um lado, isso pode ser visto como parte do estilo da época, com a descrição analítica tomando a primazia.

Isso foi criticado por Lúcia Miguel Pereira, que via essa forma de escrita como corrente iniciada pelo próprio Euclides da Cunha em *Os sertões*. Mencionando Alberto Rangel, Alcides Maya e Roque Callage, a estudiosa aponta que “estamos longe dos caboclos falantes, um pouco poetizados, mas vivos, dos sertanistas. O recurso da linguagem caipira, que parecera tão fecundo, depressa se esgotara” (MIGUEL PEREIRA, 1973, p. 186). Em Rangel, mesmo as descrições do narrador, que dominam grande parte da obra, possuem seus próprios problemas. A busca pelo refinado, pelo saber culto, impregna essa coletânea de contos. Leiamos um trecho de “O Tapará” que descreve o *locus* Floresta Amazônica:

À hora do meio-dia ensolarado, a floresta é pavorosamente muda; à noite, ela é wagnerianamente agitada de todas as vozes. Vozes que vão do clamor insano d’almas errando em assomo de desespero e de dor, aos murmúrios vagos de um só violino, em smorzando delicadíssimo. (RANGEL, 2008, p. 37–38).

Que vozes são essas? Dos nativos? De fantasmas? Do vento, da água, dos animais? Será que o autor implícito criou esse narrador imaginando que seus leitores cultos iriam entender mais facilmente a Amazônia por meio de referências à música clássica, ou ele se perdeu na sonoridade das palavras?

“Vertigem do deslumbramento”, conforme dito por Euclides da Cunha, é a melhor forma de descrever isso, algo que afeta não apenas as descrições geográficas, mas mesmo as relações humanas. A quantidade de adjetivos e de locuções adjetivas chega a impressionar, e é marca de todo *Inferno verde*. Porém, é preciso dizer que, apesar de tudo, ainda há espaço para o desenvolvimento de personagens quando diálogos são travados e opiniões são expressas.

Em “Um conceito do Catolé”, conto com menos descrições da natureza e com algumas personagens mais bem desenvolvidas, o protagonista dialoga com o Administrador no início da trama, embora mais ouvindo do que falando, o que mostra submissão de um lado e abuso de autoridade de outro; no final da obra declara seu conceito, a síntese que desenvolveu do drama que vivenciou. Embora a frase “A terra é boa, o homem só é que não presta” seja uma generalidade pensada em um momento de grande tristeza, acaba por demonstrar uma confusão na mente de alguém. Isso é valioso em uma obra com personagens que pouco ou nada falam, chegando a ser objetificados para que o narrador possa transmitir aquilo em que acredita.

## **Conclusão**

Mais do que uma obra estritamente sobre a região amazônica, *Inferno verde* trata também da chegada de homens e mulheres nordestinos ao Norte e suas adequações à estrutura reinante. Isso foi ficcionalizado por meio de problemas e vivências de personagens variadas, que podem ser desde protagonistas, personagens secundárias e até antagonistas. O encontro de nativos com estrangeiros e imigrantes nordestinos também está presente, assim como os modos de produção e extração, a geografia de florestas fechadas e o transporte fluvial, entre outros fatores, o que permitiu a criação de personagens e cenários únicos — e, disso, uma obra que faz parte de uma literatura local ao mesmo tempo singular, quanto integrante de um escopo maior: a literatura regionalista brasileira. Mais especificamente, de uma época um tanto esquecida do estilo, que ficou à sombra do que foi desenvolvido tanto antes, com os românticos, quanto depois, com Monteiro Lobato, José Américo de Almeida e outros autores.

A obra *Inferno verde* foi escrita por um intelectual estudioso da geografia e ciente da estrutura econômica da região descrita. Apesar de haver momentos humanos na obra, eles não são tão presentes quanto o olhar clínico, analítico, de um investigador

admirado. O quanto isso prejudica a ficção, com a obra tornando-se nota menor na literatura brasileira, é questão que pode merecer estudos mais aprofundados. Nosso intuito foi apresentar como, apesar de seus problemas narrativos e de caracterização de personagens, a ficção rangeliana mostra não apenas um retrato de um local em determinada época, recebendo a cultura e o trabalho de um povo migrante, mas também um desejo pelo progresso apesar das (e mesmo graças às) agruras de indivíduos pobres, algo que perdura em certas correntes de pensamento mesmo nos dias de hoje.

## Referências

BATISTA, Djalma. *Amazônia – cultura e sociedade*. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas/Edua, 2003.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco-antes e além-depois*. Manaus: Umberto Calderal, 1977.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. Porto: Chardron, 1909.

CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Brasília: Senado Federal, 2000.

CUNHA, Euclides da. “Preâmbulo”. In: RANGEL, Alberto. *Inferno verde*. 6ª ed. Manaus: Valer, 2008, p. 21–31.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem*. 3. ed. São Paulo: 34, 2019.

MIGUEL PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1970 a 1920*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho. “O sertão amazônico: o inferno de Alberto Rangel”. In: *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, no 26, jan./abr. 2011, p. 332-362.

PRADO Jr., Caio. *História e desenvolvimento*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

RAMA, Ángel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RANGEL, Alberto. *Sombras n'água*. Leipzig: F.A. Brockhaus, 1913.

RANGEL, Alberto. *Rumos e perspectivas*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

RANGEL, Alberto. *Inferno verde*. 6. ed. Manaus: Valer, 2008.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1800–1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

VERÍSSIMO, José. *A Amazônia (aspectos econômicos)*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1892.

Recebido em 29/01/2023

Aprovado em 15/05/2023